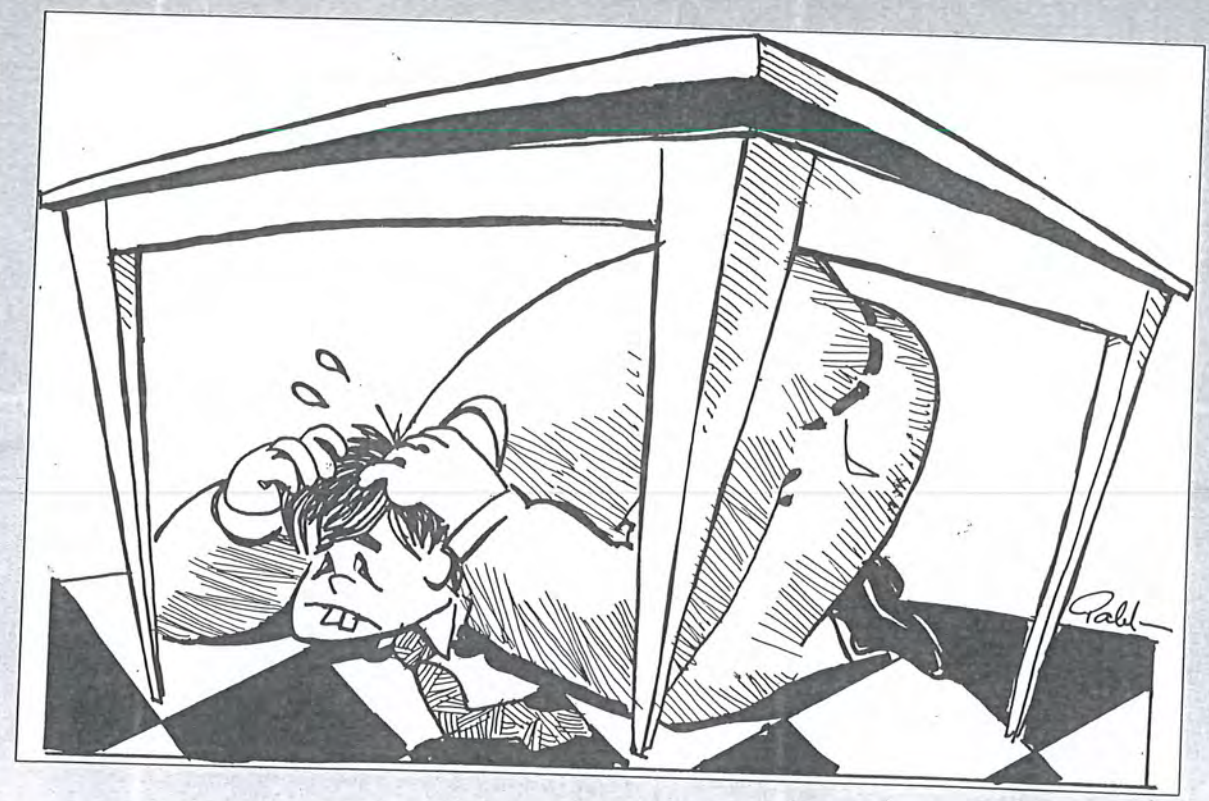
CASOS



TELEBRÁS

CASOS
TELEBRÁS

Telecomunicações Brasileiras S.A.
Brasília, 1994

Ministério das Comunicações
Ministro Djalma Bastos de Moraes

Telecomunicações Brasileiras S/A - Telebrás

Presidente
Adyr da Silva

Vice-Presidente
Roberto Nunes de Miranda

Diretor Econômico-Financeiro e de Relações com o Mercado
Flávio Hamilton da Luz Busch

Diretor de Coordenação de Operações e Serviços
Juarez Martinho Quadros do Nascimento

Diretor de Administração
Acyr Pitanga Seixas Filho

Diretor de Planejamento e Engenharia
Guido Antônio Barbosa Fregapani

Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento
Paulo Pospissil Moutinho

Telecomunicações Brasileiras S/A - Telebrás
Departamento de Comunicação Social
Divisão de Divulgação
SAS Quadra 6 - Conjunto Sede
Fone: 215-2929 - CEP 70313-900 - Brasília-DF

Telebrás.
CASOS TELEBRÁS. Brasília; Telebrás, 1994.
P.ilustr.

1. Literatura brasileira - Coletâneas 2. Telebrás I. Título

CDU: 869
CDD: 869.908

Sumário

Apresentação.....7
Via satélite.....9
Estranho departamento.....10
Peão de boiadeiro.....11
A quina do Castelo.....12
Crachá velho.....13
Uma questão de semântica.....14
Rede empacotada.....15
Recurso não humano.....16
O fantasma da meia-noite.....17
Bandejão distraído.....18
Vaquejada.....19
Um amor de rodoviária.....20
Uma moça chamada Rejane.....21
Cama de solteiro.....22
Cadeira de enforcado.....23
Chuva de pedras.....24
Audiometria 1.....25
O retrós.....26
Audiometria 2.....27
Kombi gostosa.....29
Motoca circular.....30
O rambo.....31
De frente ou de lado.....32
Desmaios noturnos.....33
Leitão à pururuca.....35
Latinha em segunda via.....36
Antena parabólica.....37
Regime da lua.....38
Masculino/feminino.....39
Segurança racista.....40
A gravata moderna.....41
A *queda* do chefe.....42
Ternos para conserto.....43
Essa nem o ladrão esperava.....45
Campeão olímpico.....46
Com a boca na botija.....47
O terremoto.....48
O atalho.....49
Carta ameaçadora.....50

Off road.....51
Empregado desempregado.....52
Motoqueiro amigo da onça.....53
Quem é o senhor?.....55
I mafiosi.....57
A *lingerie* do Bertolino.....59
Cruzeiro do Sul: telefone,
uma parada difícil.....61
O diploma.....64
A generosa.....65
Monte Carvalho.....67
Quem sabe, sabe.....69
A garota e o general.....70

As histórias de quem faz história

A história dos "Casos Telebrás" é tão peculiar quanto a história de cada um de nós. Guarda vivências, sentimentos, pequenos detalhes do dia-a-dia que, isoladamente, nada têm de especial. São fragmentos aparentemente desconexos, reunidos sem a preocupação do literário e do erudito.

Não estamos diante de um sistema organizado de idéias. Não há argumentos elaborados, nem demonstrações de verdades e princípios. Não se pretende estabelecer a apologia da intelectualidade.

Nada de coerência, lógica, métrica ou rima.

O importante desta obra reside nos fatos e feitos do cotidiano das pessoas que fazem a história da Telebrás.

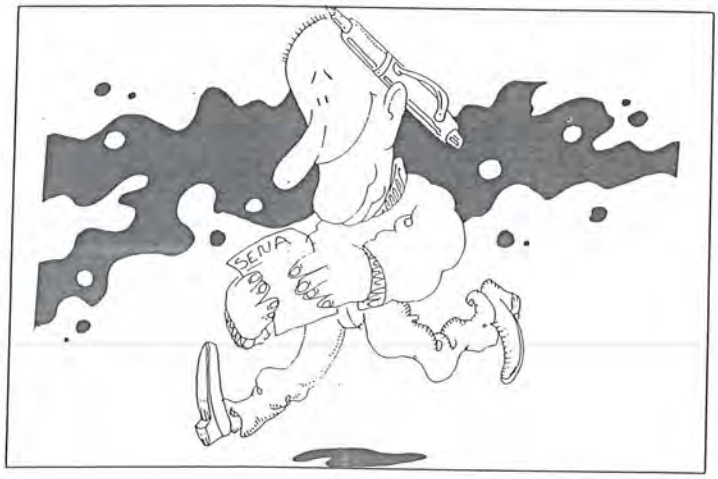
Nos seus aspectos pitorescos, folclóricos, engraçados ou dramáticos, está o lado humano da organização.

"Casos Telebrás" é exatamente isto: a cara e o coração da Empresa. Sem retoques, sem maquiagem, sem correções.

As formulações doutrinárias ou o registro dos grandes acontecimentos - importantes para a preservação da história - podem e devem acontecer.

Neste caso, porém, o que se quer é aquela parte da história que nem sempre é relatada e divulgada, mas que certamente reflete o perfil e a alma da instituição.

"Casos Telebrás" não é e nem deve ser uma obra acabada. Nestas condições, exige do leitor o espírito da descontração, a liberdade da memória, o despertar da saudade e a disposição de contar outros casos, dando continuidade à história.



Via satélite

Peguei um refletor esférico de antena parabólica e fui para o CPqD. Como era hora de almoço, estacionei meu carro com a peça no banco de passageiros e fui almoçar.

Após um dia normal de trabalho, chego em casa, vou ao porta-luvas pegar a chave do portão e... cadê? Parte do porta-luvas estava derretido. Por uma coincidência de uns *nove fatores*, os raios do sol foram focalizados pelo refletor, incidindo sobre a tampa do porta-luvas, derretendo tudo.

No final: Murphy só não é meu ídolo porque é meu herói... E eu não consigo combinar seis fatores na Sena.

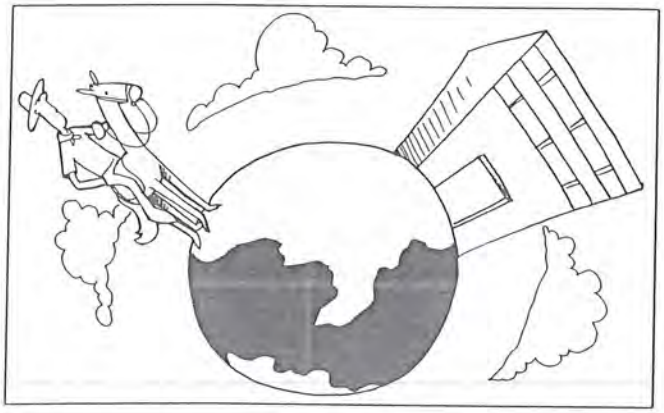
Emílio Abud Filho

Estranho departamento

Sobre o assunto "transferência de tecnologia", informei a um colega que ele deveria procurar o Keese para resolver o assunto (o Keese ainda não tinha se aposentado).

O colega virou-se pra mim e disse: "Keese? É um departamento novo do CPqD?"

João Carlos Beiler



Peão de boiadeiro

Quando fui entrevistado para vir trabalhar no CPqD, ele já estava instalado em sua sede, longe da cidade e entre fazendas na periferia de Campinas.

No final do dia, já bem tarde, o então Superintendente do CPqD me disse: "Te dou uma carona e te deixo no hotel."

Quando respondi "não precisa, estou hospedado aqui em frente", ele olhou pela janela, viu o mato e, certamente, deve ter pensado: "Mais um bicho doido".

É que por uma dessas coincidências eu estava hospedado na fazenda Argentina, que é da madrinha do meu filho.

Na manhã seguinte, passeando a cavalo em frente ao CPqD, imaginei: "Eta mundo pequeno!"

Eduardo Moreira Costa

A quina do Castelo

Daniel e Venâncio, da Financeira do CPqD, descobrem os números que o Castelinho joga toda semana na loto.

Na hora de pegar o resultado do sorteio, fingem estar falando com a lotérica pelo telefone e ditam pro Castelo os números que ele tinha. E ele:

"Acertei um!"

"Olha aí, gente, um duque!"

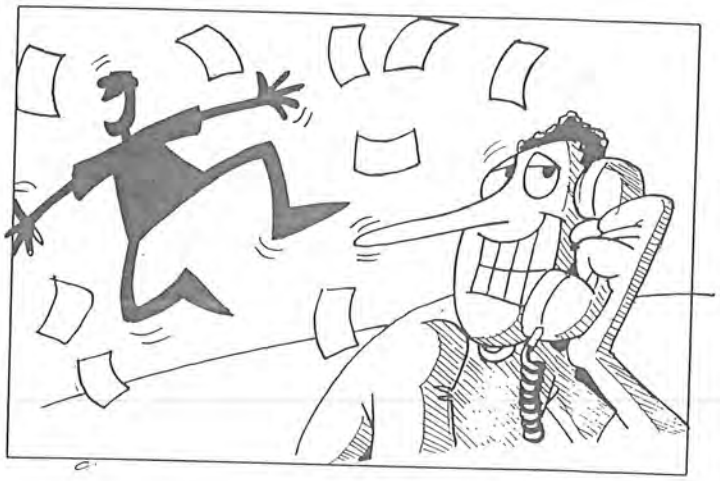
E a galera só olhando...

"Um terno!... uma quadra... e..."

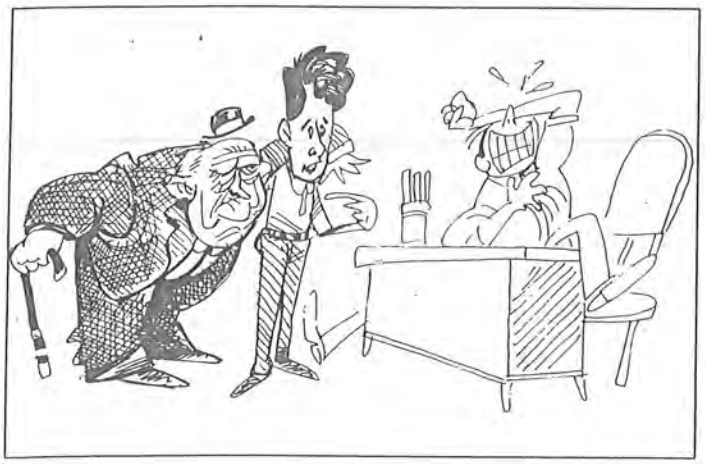
No quinto número ele começou a pular de alegria...

Pelo menos, esclareceu depois, ele sentiu a emoção de ganhar na loto.

Edson Lorenzeti



Crachá velho



O ex-empregado Geraldo de Araújo compareceu à área de RH para solicitar a emissão de um crachá novo, considerando que o seu já estava muito velho.

Eu o orientei para retornar no dia seguinte para apanhar o crachá novo e que a condição para ser entregue gratuitamente seria ele trazer o velho (crachá).

Na manhã seguinte, ele se apresentou, acompanhado de um senhor, dizendo:

- Edna, está aqui o velho que você pediu.

- Eu? O senhor está enganado. Eu não lhe fiz esse pedido.

- Edna, você ontem me falou que para o meu crachá novo sair de graça, eu deveria trazer o velho.

Riso geral.

- Sr. Geraldo, o velho que eu falei era o crachá!

Mais risos.

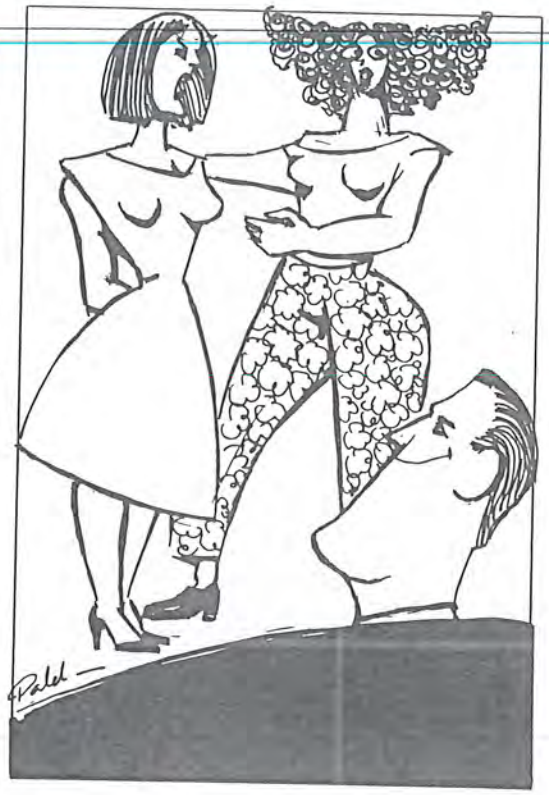
- Ah, agora eu entendi! Mas, ontem, o que eu entendi é que era para trazer um velho e por isso eu vim acompanhado desse grande amigo meu.

Edna de Oliveira Freitas

Uma questão de semântica

Certa vez, nova no CPqD, eu apresentei a Teresinha a um visitante como "a" Graciosa... Quase morri quando soube que ela era a secretária do Graciosa, chefe do Departamento.

Joceli Angelini



Rede empacotada

Era um sábado de 1982. Alencastro e Quandt de Oliveira vinham ao CPqD conhecer a primeira central experimental de comutação por pacotes - a Trópico R.

Deixamos a central "joinha" na sexta-feira.

Por que é que sempre na hora da demonstração a coisa sai errada?

Os homens estão vindo e a central não funciona.

O tempo passa... corre-corre... troca placa... solda fios... Bem, a demonstração foi feita.

Não sei se eles desconfiaram de alguma coisa, com tanta gente suada, tanta ferramenta junta e tanto parafuso solto.

Ângelo Mantovani

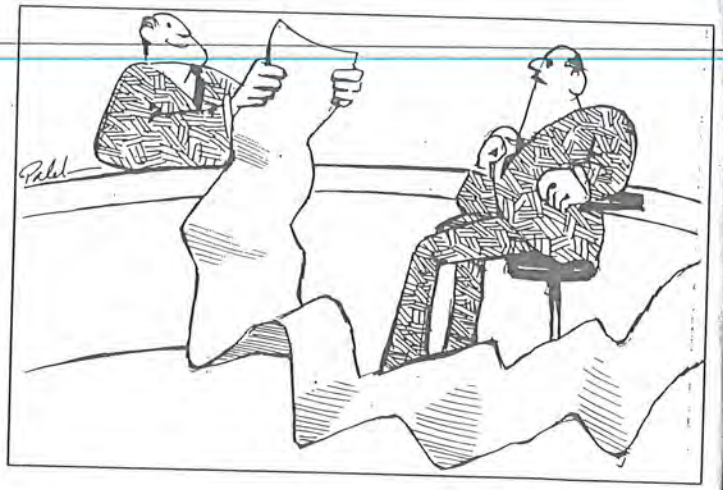
Recurso não humano

Projeto Compac. Encarregado de analisar currículos e entrevistar candidatos, chamei um que era excelente: gerente de desenvolvimento de uma indústria. Chamei o cara e depois de meia-hora de entrevista comecei a notar que alguma coisa estava errada. Foi aí que ele perguntou:

"Afinal, qual o objetivo desta conversa?"

Acontece que o currículo dele veio junto com o dossiê de uma indústria que queria ser parceira do CPqD. O dossiê mostrava o potencial dos recursos humanos da indústria. Foi humilhante!...

Fernando Arruda



O fantasma da meia-noite

Eu trabalhava no CAD (método de desenhar com o auxílio de computador, usado na área de microeletrônica) e já era meia-noite.

Tempo feio, chovendo, e eu de moto...

Quando vou pensar em ir embora... Paaaammmm!

As luzes se apagaram, um trovão estrondou e o cachorro do nosso Clube, a Telecamp, começou a uivar...

Depois, silêncio, e escuridão completa.

O prédio tinha piso falso e rangia quando eu caminhava.

Frio na espinha, pulsação a mil, catei o capacete, uma lanterna e fui saindo de fininho daquele predião enorme...

Garanto que se, naquela noite, eu encontrasse alguém no corredor, eram dois que iam morrer de susto!

Maurício Vianna

Bandejão distraído

Um colega estava almoçando no CPqD, com uma cara que era uma distração só. Terminado o almoço, levantou-se e na maior simplicidade dirigiu-se à porta de saída, com a bandeja na mão.

Como a porta estava fechada, por uns trinta segundos ficou sem saber como fazer, olhando para os lados, como que pedindo ajuda para abri-la. Só depois de algum tempo foi que ele caiu na real, colocou a bandeja no lugar adequado e... saiu de fininho...

Odjare de Campos

Vaquejada

Certa noite, sem lua, muito escura, eu estava indo para casa, caminhando pela estrada de terra que liga o Centro de Pesquisa à Unicamp, que fica entre algumas fazendas. Sempre faço isso em noites quentes e limpas.

De repente, ouvi um barulhão perto da cerca e, apavorado, já que não conseguia distinguir nada, debandei numa carreira só.

O diabo é que quanto mais eu corria, mais o "barulhão" me acompanhava e se aproximava.

No outro dia é que fui entender: havia umas vacas do lado da cerca, o que me fez concluir que eu corri foi das vacas. E as vacas correram de mim...

Sálvio Calicchio Sobrinho

Um amor de rodoviária

Eu viajava diariamente de Indaiatuba, onde morava, para o CPqD, em Campinas. Chegava na rodoviária de Campinas e tomava o ônibus para o barracão dos Amarais, onde funcionava o laboratório de fibras ópticas.

Naquele mesmo local, outros empregados de diversas empresas também tomavam seus ônibus, e a calçada fervilhava de gente, que conversava sobre tudo, principalmente a gerra Irã x Iraque, que acontecia naquela época

Um dia, cheguei atrasado, perdi o ônibus e, entre o pessoal que estava no ponto, vi uma mulher muito bonita, mas tão bonita, que acabou se tornando minha esposa...

João Batista de Mello Ayres Neto

Uma moça chamada Rejane

A Nely, hoje bibliotecária-chefe, fazia estágio no CPqD. Um dos serviços que lhe cabia era atender solicitações de cópias de artigos técnicos.

Muito atenta e responsável, achou estranho que quando o Atílio, do laboratório de fibras óticas, solicitava esse serviço, pedisse sempre uma cópia para si e outra para a "Rejane". Tomada de espírito de contenção/restrição/economia, depois de muito conjeturar, a Nely considerou que era possível diminuir custos com a xerox, se a tal da Rejane passasse a ler a cópia do Atílio.

Resoluta, passou a mão numa máquina e escreveu ao Atílio dizendo que a partir daquela data ele que se contentasse com uma cópia só, e pronto! Estranhamente, o Atílio concordou de pronto em receber apenas uma cópia de cada artigo, sem protestos.

Somente quando contou o fato a uma colega é que a Nely ficou sabendo que as cópias não eram para o Atílio e para a Rejane, e sim para o Atílio E. (Eduardo) Reggiani, simplesmente o seu nome completo...

Carlos Abílio S. Pereira

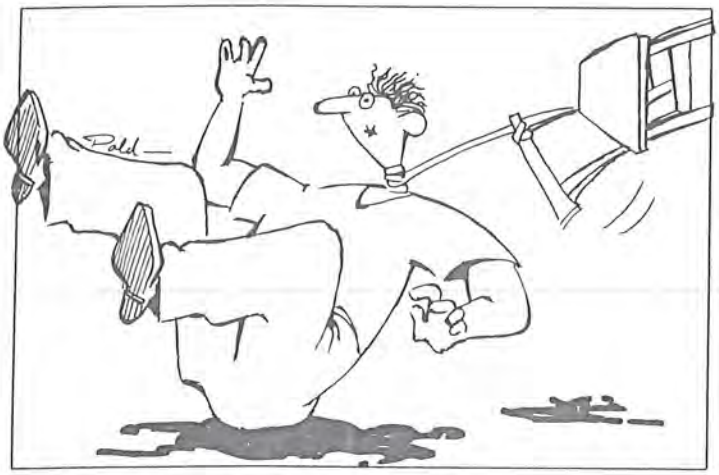
Cama de solteiro

Em 1978, eu estava na França, num curso do CNET, um laboratório com quem o CPqD mantém convênio. Lá, encontrei o Claudinê, meu colega! Para economizar, resolvemos dividir um quarto, numa pensão ou pequeno hotelzinho, como chamam em Paris. Tudo resolvido, chegamos ao quarto e... surpresa! Só tinha uma cama de casal.

Ficou aquele impasse... Aquela coisa estranha... Até que o Claudinê tomou a decisão com uma voz bem grossa:

"Tá louco, sô... Eu vou é dormir no chão, que eu não durmo com home de jeito nenhum..."

Antônio Carlos G. Bordeaux Rego



Cadeira de enforcado

No início do projeto de fibras óticas, no barracão, ainda fora do CPqD, nós costumávamos almoçar no restaurante da Unicamp. Lá a comida era uma tristeza. Ficava horas parada no estômago. A conseqüência é que dava uma sonolência praticamente impossível de controlar. Se a gente bobeasse, quase dormia de pé.

Uma tarde, não pude evitar e cochilei na cadeira do laboratório. Então o José Pedro, meu colega de "fibras", de mansinho, amarrou uma ponta de uma corda no meu pescoço e a outra ponta no pé da cadeira. E eu nem tchum...

O "maledeto" foi do lado de fora do laboratório e deu uma pancada forte na janela, que me fez pular de susto. Imaginem o que eu senti ao levantar da cadeira e ver que ela estava amarrada ao meu pescoço...

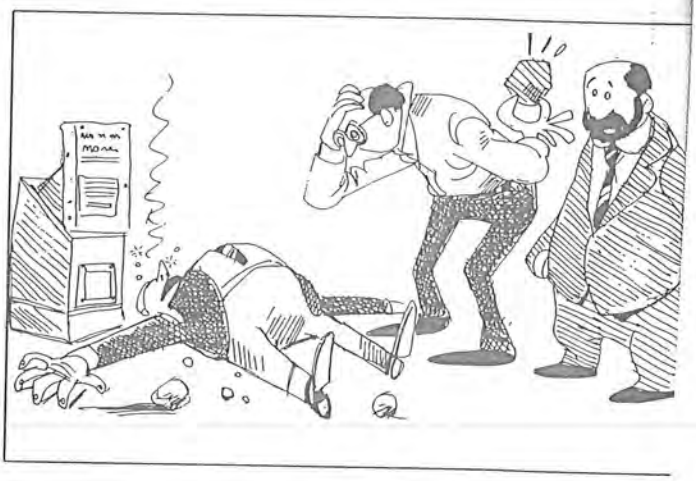
Mário Mercadante

Chuva de pedras

Por ocasião da criação do Departamento de Redes, comentamos com um colega que o presidente da Telebrás, general Alencastro, ao lançar a pedra fundamental acertara a pedra na cabeça do superintendente do CPqD...

Pasmem vocês: ele acreditoooooouuuuu...

Benedicto Antônio Moretti



Audiometria 1

BLÁBLABLÁBLÁBLÁB

O retrós

Eu era secretária na Diretoria do CPqD. Certa vez, um visitante ilustre irrompeu afobadíssimo em minha sala e foi dizendo:

"Moça, pelo amor de Deus, me arruma uma linha!"

E eu, delicada: "De que cor?"

E ele: "Não, moça, uma linhã telefônica!"

Maria Ofélia Pereira

Audiometria 2

Até hoje não consigo me conformar como foi que fui cair nessa... Na Comunicação Social trabalhavam comigo o Frota, a Ivone e o Nava. Um belo dia foi admitido um colega novo, o famoso Tony, do Show-Room.

Em seu primeiro dia de trabalho, enquanto o Frota mostrava o CPqD a ele, percorrendo os prédios, o Nava chamou a mim e a Ivone e disse, com uma seriedade impressionante, aquela que quem o conhece sabe:

"Eu queria avisar vocês que o Tony, esse moço novo que vem trabalhar aqui, tem um problema seríssimo e morre de vergonha. É um trauma, um complexo grave".

Ante o nosso espanto de "conta logo, vai", ele soltou: "É que ele tem uma orelha postiça..."

Puxa vida! Era inacreditável! Mas ele não arredava o pé:

"Não riam, que a coisa é muito séria", solicitava.

"Como foi que você descobriu?", perguntei, pra

checar a verdade.

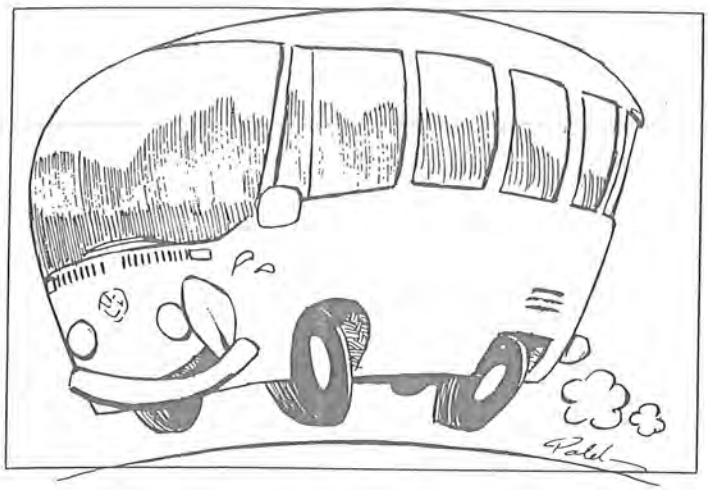
E ele: "Quando o Frota estava me apresentando, a orelha dele caiu no meu pé... Foi muito chato, coitado! Ele ficou todo vermelho e não sabia o que fazer. Foi uma judiação..."

Aí ficamos esperando, as duas, uma semana inteira pra ver se a bendita orelha despencava no chão, e nada... Cada vez que o Tony passava pela gente, nós nos fixávamos na sua orelha direita, que era, segundo o mentiroso do Nava, a tal postiça...

Como é que eu pude acreditar numa coisa dessas?

Carmem Camargo

Kombi gostosa



Trabalhávamos no laboratório de fibras ópticas, nos Amarais. Como a região era desprovida de lanchonetes e restaurantes, comíamos a tal da "quentinha", transportada por uma kombi, no interior de um caixão térmico de alumínio.

Freqüentemente atrasada, quando a kombi ultrapassava o portão, fazendo um barulho de pneus sobre as pedrinhas, com o caixote de alumínio deslizando no seu interior, provocava no grupo o "estímulo condicionado de Pavlov". Todos corriam para o salão onde almoçávamos juntinhos, como uma família.

Nessa corrida, nem mesmo o gato que se instalara nas dependências do laboratório ficava de fora. Ante o estímulo mencionado, punha-se a miar intermitentemente, até que terminássemos, para poder devorar o que sobrava de resto. Nas segundas-feiras, o bichano era uma verdadeira sinfonia. Afinal, depois do sábado e domingo em jejum, ele já estava comendo as paredes...

Horicléa Sampaio Monteiro

Motoca circular

Certo dia, numa das ruas do CPqD, assisti a uma cena incrível: o seu Walter, já aposentado, conhecido como o famoso "conserta tudo", estava parado e o Maurício Fleury, da manutenção, com sua Vespa-motoneta, girando em volta do seu Walter.

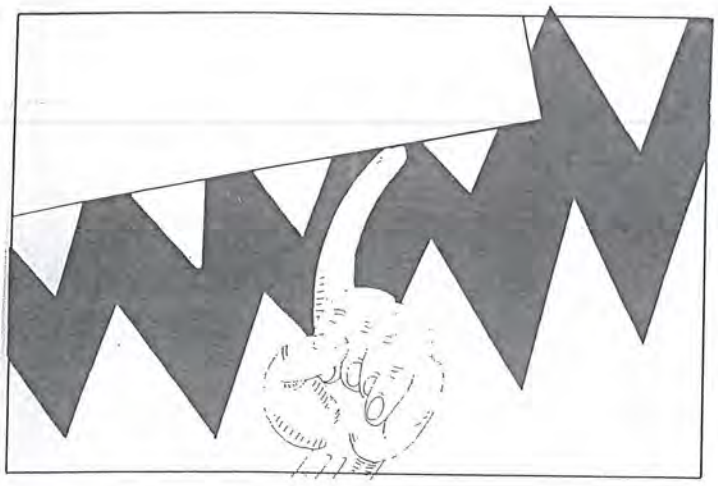
E gira que gira. E conversa que conversa. Só depois de alguns dias eu descobri a coisa.

Acontece que, se o Maurício parasse, a lambreta "morria". Então ele resolveu tratar dos assuntos pendentes conversando e rodando ao mesmo tempo.

Cena de doido morrer de rir...

Elias Pinto da Silva

O rambo



Nem só de Física vive um físico. Quando se faz um trabalho experimental, precisa-se de materiais, equipamentos, bancadas e laboratórios. Aí, sai-se da física e entra-se na educação física.

Estávamos transportando uma bancada de granito de quinhentos quilos. Os ajudantes eram peões-de-obras, já que o CPqD estava em construção.

Eram seis e não conseguiam entrar em acordo, nem entre si, nem com a mesa pesada. Ao chegar, distribuí a fraca força disponível e vi que a minha participação física era necessária.

Apliquei meus conhecimentos de como levantar pesos, uma vez que sempre pratiquei esportes. Quando levantei, eles arriaram e não deu outra: "É o super-hôme, vale mais que nóis seis junto!"

Então eu deduzo: Meu grande susto: pensar que tinha que levar a bancada sozinho...

Minha grande frustração: não consegui levar a bancada sozinho...

Minha grande alegria: não levei a bancada sozinho...

Felipe Rudge Barbosa

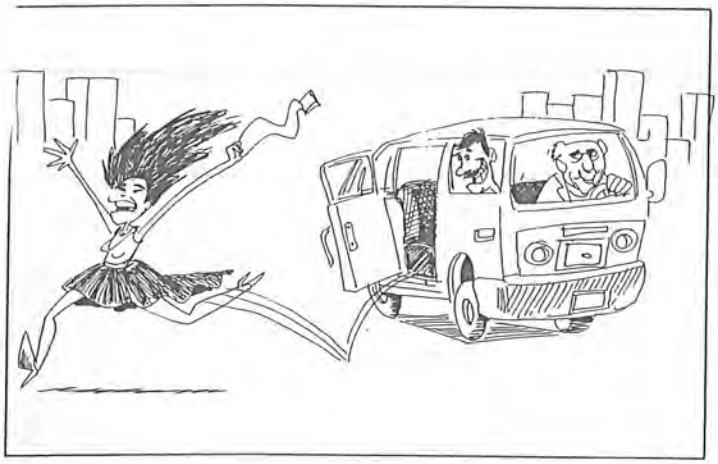
De frente ou de lado

Na minha entrevista de admissão ao CPqD, o chefe da área cuja vaga eu concorria, leu o meu currículo e abismado concluiu: "Puxa, você tem exatamente o perfil que estamos procurando!"

Até hoje eu não sei exatamente a que perfil ele se referia.

Loreno Menezes da Silveira

Desmaios noturnos



Sete da noite, chovia torrencialmente. Uma kombi aguardava para levar seis moças que faziam o curso de inglês para a cidade. Peguei carona e me sentei no último banco. Lá de trás, comecei a conversar com o motorista, e o grupo prestava atenção.

Eu: "Seu Durval, o senhor já está melhor?"

Ele (entendendo a minha intenção): "Olha, Nava, eu já estou um pouco melhor."

Eu: "Eu já falei com o seu chefe e você vai parar de viajar. A partir de amanhã você só vai fazer o serviço interno, dentro do CPqD."

A kombi andava, a chuva aumentava e as seis moças completamente caladas.

Eu: "Esses desmaios, seu Durval, acontecem sempre?"

Ele: "Normalmente no final da tarde, mas já faz uma semana que eu não tenho nada. Ando até meio preocupado..."

Passaram-se trinta segundos terríveis. O ambiente na kombi estava tão pesado, que mal se ouvia a respiração das moças. Dei trinta segundos de intervalo tenso e mandei o golpe mortal:

"Então quer dizer, seu Durval, que da última vez,

se o boy não segurasse no volante o senhor tinha despencado pelo barranco?"

Até o centro da cidade a viagem transcorreu no mais absoluto silêncio. No dia seguinte, duas representantes daquele "comboio do medo" foram ao chefe de Serviços Gerais indignadas, pois a empresa tinha a ousadia de colocar um motorista doente para fazer serviços de transporte, pondo em risco a vida dos passageiros. O homem ficou pálido!

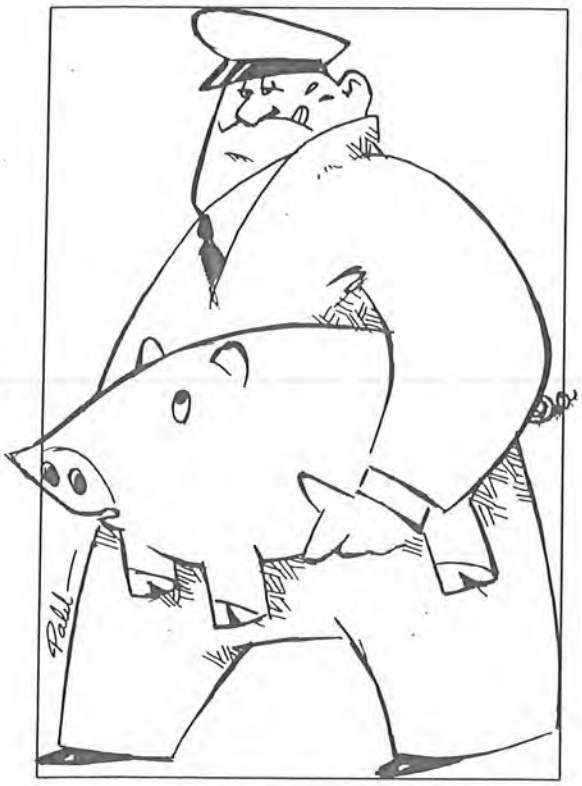
Ele: "Mas não é possível! Eu não estou sabendo de nenhum motorista que esteja doente."

Uma delas: "Pois saiba que o coitado do seu Durval desmaia no volante!"

O chefe deu um pulo da cadeira:

- O f.d.p. do Nava estava na kombi?

Vilson Nava



Leitão à pururuca

Dia desses, na hora do almoço, flagramos o Medeiros, antigo responsável pela portaria do CPqD e mais meia dúzia de seguranças correndo atrás de um leitãozinho que, cruzando a portaria num pique alucinado, se mandava berrando pro prédio da Diretoria.

A praga do porquinho deu um trabalho danado "pros hôme". E a gente morrendo de tanto dar risada, achando que o Medeiros queria mais era botar um crachá no leitão.

Agora, eu me pergunto: o que será que o porquinho queria naquele prédio?

Vera Lúcia de Lima Teixeira

Latinha em segunda via

Tudo aconteceu em 1978, quando o CPqD ainda estava espalhado pela cidade.Um empregado do prédio da Anchieta precisava fazer um exame de fezes, coletou o material e chamou o menino mensageiro, que estava indo ao prédio da Embratel:

"Leve para exame no laboratório tal."

O mensageiro colocou o invólucro na pastinha 007, foi à Embratel, ao banco, à papelaria, ao Correio, à lanchonete, à Telesp, etc... No final da tarde, o funcionário encontrou o menino.

"Ei, garoto! Entregou o meu negócio?"

"Que negócio?"

"A latinha, cara!"

"Ih, minha nossa! Onde deixei aquilo?"

Nesse momento, liga outro mensageiro, da Embratel:

"Escuta, achei um pacotinho esquisito em cima da máquina de xerox, é seu?"

O empregado, bravo, ao menino:

"E agora?"

"Bom, agora eu lamento, mas vai ter que fazer de novo..."

Renato de Almeida Teixeira

Antena parabólica

O Panicali começou no CPqD criando a área de Antenas. Ele é PhD em antenas pela Universidade de Illinois (EUA).

Como todas as mães, a do Panicali sempre contava, com orgulho, para vizinhas e comadres, que seu filho estava nos Estados Unidos, estudando para ser doutor em antenas.

Um dia ele voltou... Uma das vizinhas de sua mãe, em Niterói, ao conhecê-lo, insinuou-se:

"Escute, eu estou com um probleminha em minha antena de televisão. Já que você é doutor nesse assunto, será que não poderia dar uma olhadinha?..."

É o Panicali quem conta: "Eu, que conhecia todas as equações de antenas para transmissão via satélite, como podia explicar para aquela simples velhinha que não entendia nada daquele 'troço' em cima do telhado da casa dela?"

Antônio Roberto Panicali

Regime da lua

Era dia de mudança! Finalmente o laboratório de fibras Opticas, que funcionava num barracão fora das instalações do CPqD, estava se mudando para a sede.

As mesas ópticas do laboratório, muito pesadas, exigiam transporte adequado. Na hora de descarregar uma delas, naquele vai-e-vem de dificuldades e cuidados, o rapaz da trasportadora gritou ao José Mauro Leal Costa (ex-gerente da área), que acompanhava os trabalhos:

"Ajuda aí, gordinho!"

Os caras nem sabiam que estavam falando com o chefe!

Márcia Zago Lucas

Masculino/feminino

Numa certa manhã, minha esposa Sandra atende ao telefone que toca. Do outro lado da linha, uma mulher nervosa diz:

"Quero falar com a Dona Graciosa!"

Minha mulher respondeu que era ela mesma.

Aos berros, a outra desandou a falar impropérios e palavrões. E a Sandra sem entender nada...

No primeiro intervalo possível, minha esposa, muito calma, tentando entender a situação, disse:

"Olha, minha senhora, será que a senhora não está fazendo alguma confusão? Eu sou Sandra Graciosa, a esposa do Hélio Graciosa, que trabalha na Telebrás."

Fez-se um grande silêncio do outro lado da linha. Quando se recuperou a mulher começou a se desculpar e explicou:

"É que eu ando desconfiada há muito tempo que o meu marido tem outra. Como achei no bolso da calça dele um papelzinho com o nome Graciosa e um número de telefone, imaginei que fosse o 'daquela' "...

Hélio Marcos Machado Graciosa

Segurança racista

Quando o CPqD foi inaugurado, parte do nosso departamento ainda continuou na cidade, até que nossas instalações ficassem totalmente prontas.

Tínhamos à nossa disposição um motorista que nos trazia e levava para a nova sede sempre que precisávamos. O caso é que, no dia da inauguração do CPqD, ele foi dispensado porque seu nome era Figueiredo...

O presidente João Figueiredo estaria aqui e ninguém queria correr o risco de qualquer brincadeira.

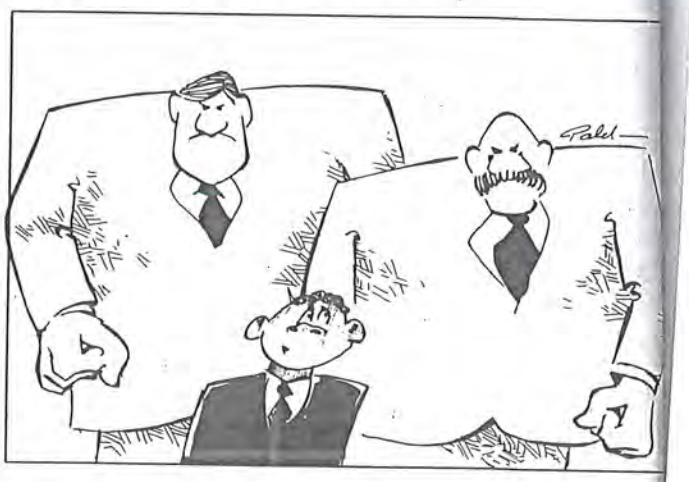
Nesse dia, então, viemos de ônibus...

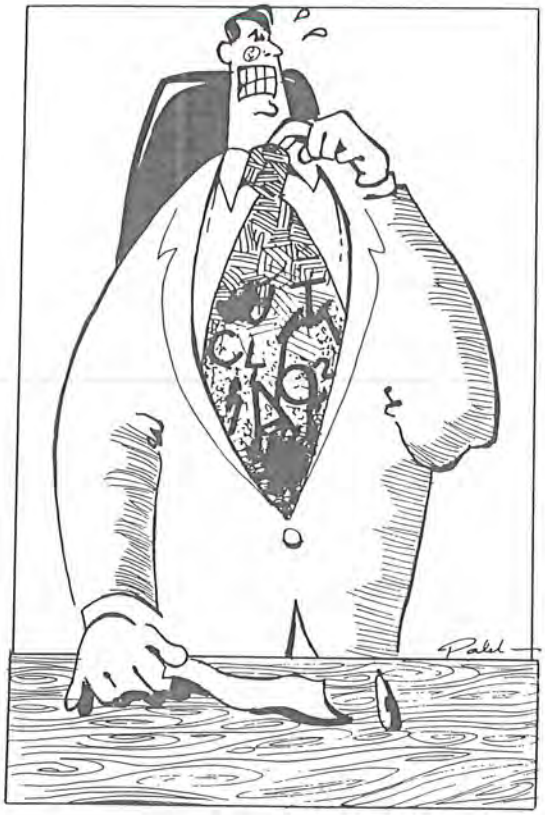
CPqD em festa. Bandeiras na portaria. Engravatados por tudo quanto é canto. Mas o meu sufoco mesmo só começou quando o *homem* chegou.

Dois seguranças do Presidente deram prá me acompanhar por todos os lados. Até um simples gesto de pedir um cigarro era motivo de alerta para os ditocujos.

Pô, meu! Que saco! Só porque eu era o único crioulo do grupo?

Antônio Nunes





A gravata moderna

Certo dia, o nosso colega, gerente de divisão, estava escovando a belíssima dentadura e, sem querer, deixou cair creme dental na gravata.

Sem saber o que fazer, foi pedir socorro à secretária, que não era estrambelhada nem um pouquinho e sempre estava pronta a ajudar. Pegou e foi tentar tirar a mancha passando água no local, só que a gravata caiu na pia do banheiro e quase foi cano abaixo. Ela conseguiu puxá-la, mas ficou toda molhada.

A secretária, muito esperta, correu para a microfilmagem, sem o chefe saber, e pediu emprestado o ferro elétrico. Só que esqueceram de avisar que o ferro era próprio para passar documentos. A pobre da gravata ficou toda cheia de letras e manchada.

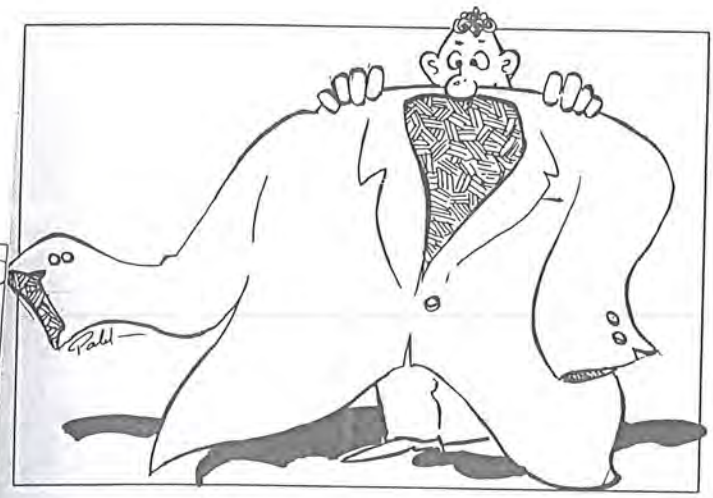
Acredite se quiser, mas o chefe foi à reunião no departamento com a mesma. Chamando a maior atenção da modernidade...

Rosilda Ferreira da Cunha

A *queda* do chefe

A Diretoria Técnica funcionava no prédio da Embratel. Piso de paviflex, nas divisórias havia um visor onde o chefe olhava os empregados. Piso de pavi-flex, cadeiras com rodízio. Tombos constantes. Até que um dia foi a vez do chefe. E quando ele levantou-se, olhou ao redor, todos os empregados estavam embaixo da mesa, morrendo de rir. O chefe: Manoel Elias.

Mário Fróes



Ternos para conserto

Esse fato aconteceu nos primeiros anos da Telebrás, em 1976, na antiga Divisão de Comutação do Departamento de Engenharia. Na ocasião, a Telebrás dispunha de *boys* para serviços internos e externos.

A Telebrás contratou muita gente, com ou sem experiência. E, na Divisão de Comutação, alguns engenheiros recém-formados foram contratados.

Todas as manhãs, o *boy* para serviços internos passava pela divisão e perguntava à secretária se havia algum serviço interno. Daí, ela faz as perguntas aos demais e, como a maioria estava sempre viajando, havia pouco serviço interno.

Essa atitude diária do *boy* despertou a curiosidade do novato, que foi perguntar à secretária "se o rapaz fazia mesmo serviço interno", cuja resposta afirmativa despertou mais curiosidade.

Paralelamente, determinado colega de divisão ob-

servou a curiosidade do rapaz e adicionou lenha na fogueira, dizendo que sempre que podia fazia algum serviço interno.

O colega novato tomou coragem e, certo dia, trouxe uma sacola para o trabalho e aguardou, ansiosamente, a chegada do *boy*.

Ao chegar e ouvir a tradicional pergunta, antecipou-se aos demais e, com sua sacola, foi explicando ao *boy* o que tinha que ser feito em cada terno, como: lavar, pregar botão, fazer bainha, etc.

Nosso colega havia confundido "serviço interno" com "serviço em terno".

Paulo César Pereira Moreira

Essa nem o ladrão esperava

A Telebrás, sempre preocupada com o bem-estar dos funcionários, como é de praxe, faz, todos os anos, exames periódicos. Desta vez, o felizardo para fazer os exames foi o nosso colega da divisão. O coi-tado recebeu os frascos para coleta de material (fe-zes e urina). Acordou bem cedo, fez a sua obrigação, colocou-a dentro de um envelope e, como um bom trabalhador, partiu para enfrentar mais um dia de trabalho. Foi para o ponto de ônibus, só que era muito cedo e só ele estava à espera do ônibus, e, de repente, deparou-se com um homem mal-encarado. O homem foi logo com grosseria:

- Isso é um assalto!

O coitado apavorou, colocou os bolsos pra fora mostrando que não tinha nada. A surpresa: o ladrão pediu o pacote que estava em suas mãos. Apavorado, ele entregou sem relutar. Adeus exames, o ladrão levou o material.

Pobre coitado, ficou envergonhado de pedir novamente os frascos para coleta de novo material. Imagine a cara do ladrão ao constatar o seu audacioso assalto!

Rosilda Ferreira da Cunha

Campeão olímpico

Juro que é verdade! Foi há uns oito anos, durante as Olimpíadas da Telecamp. Havia três concorrentes para disputar as três medalhas de natação: ouro, prata e bronze.

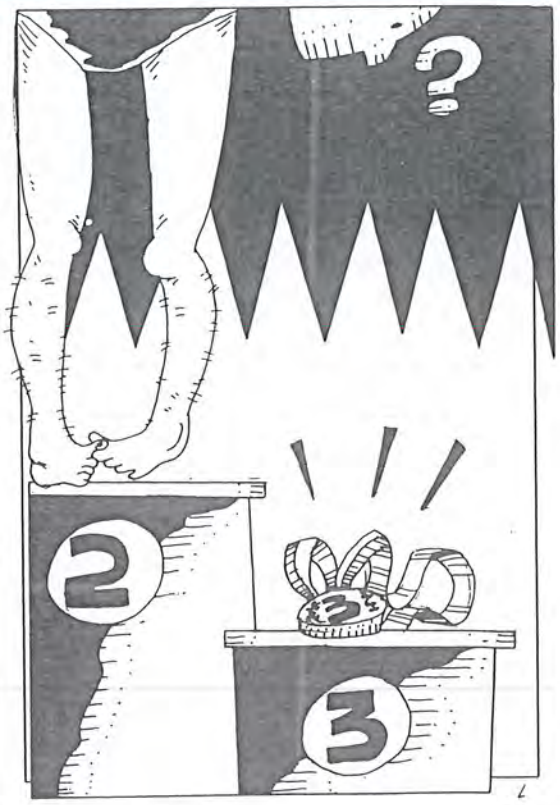
A modalidade da prova era *crowl* ou *peito* e eu era um dos três concorrentes.

Minha equipe precisava somente de dois pontos para ser campeã geral do CPqD, portanto, bastava tirar o terceiro lugar e pronto!

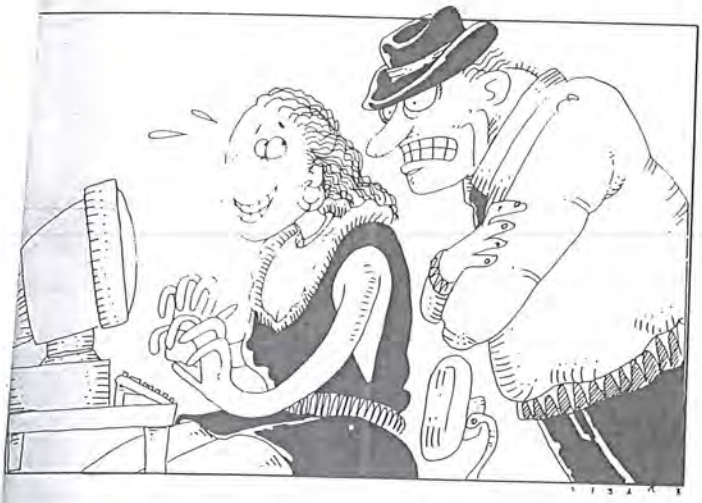
Dada a partida, mandei-me pra água e desembestei a nadar *borboleta*. Saí, no estilo errado, bem na frente dos outros. Só no meio da piscina percebi o engano.

Conclusão: com três concorrentes, não cheguei nem mesmo em terceiro lugar...

Joseph Haim



Com a boca na botija



Quando comecei a trabalhar na Telebrás, eu era muito jovem e cursava o 2° ano de letras. Era meados de 1981. Eu vivia estudando e fazendo trabalhos da escola durante o expediente, fugindo dos olhos do chefe, é óbvio, por uma questão de respeito.

Numa segunda-feira, eu estava em frente ao monitor de vídeo digitando um trabalho de psicologia que havia feito em casa, no domingo. Era para entregar na quarta-feira. Quando o chefe se aproximava da minha mesa eu sempre dava comandos que limpavam a tela, abandonando o arquivo e, em seguida, abria qualquer outro, que fosse pertinente ao trabalho do dia-a-dia.

Naquele dia eu quase chorei de raiva. O chefe parou atrás de mim, olhar ameaçador, olhando fixo na tela e o maldito terminal travou, sem que eu pudesse fazer nada. Nenhum comando resolvia e a tela dei-xava ler as primeiras linhas sobre psicologia da Edu-cação centrada no estudante. Que flagrante!

Elizete Helena Rondini

O terremoto

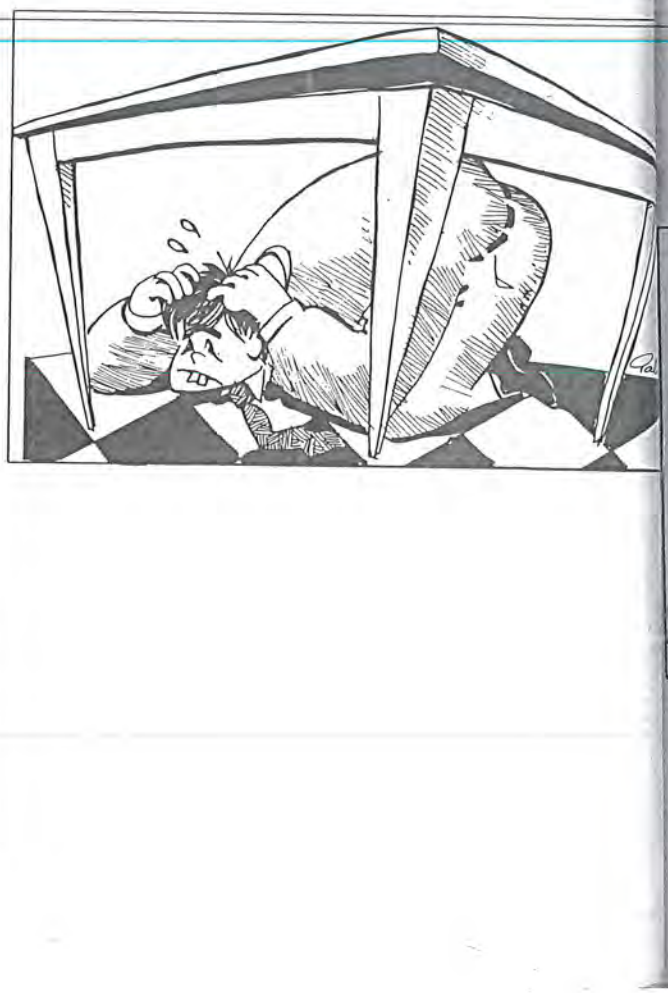
Primeiro ano do CPqD. Prédio da Embratel. Quarto andar. Um belo dia, um estrondo! Corremos todos para o laboratório e lá estava o João, completamente coberto de papel picado: tinha estourado um capacitor eletrolítico.

Os dias foram passando e, entre um estrondo e outro, a gente perguntava: "João, você está vivo?"

Um dia, porém, a coisa foi de arrepiar.

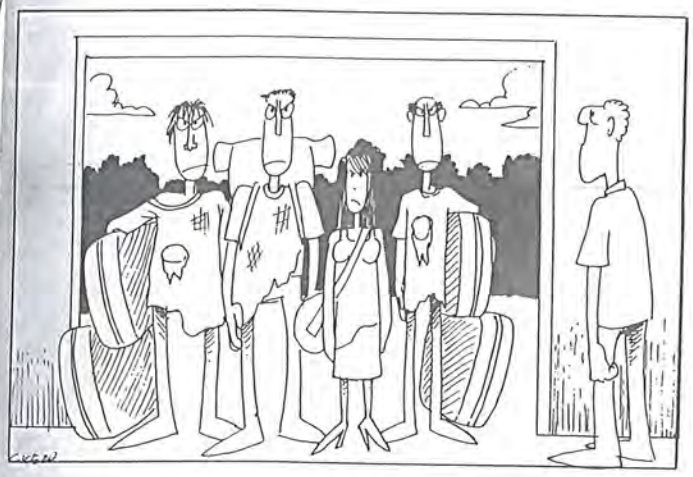
Ouviu-se um estrondo tão forte que o prédio todo, de quatro andares, chegou a tremer.

Desta vez não era o João: seis funcionários da Transportadora Granero tinham deixado cair uma pedra de granito enorme, causando o alvoroço. O prédio tremeu tanto, mas tanto, que um engenheiro japonês da NEC, que instalava um equipamento, se meteu embaixo de uma mesa e lá ficou uns dez minutos: espe-rando passar o terremoto.



Roberto Vivaldi Rodrigues

O atalho



Romeu Antônio Rechinati

Eu e mais três colegas do CPqD fomos a um curso em Caxias do Sul, Rio Grande. O hotel ficava na estrada, antes da cidade. Pedimos ao motorista do ônibus que parasse quando chegássemos ao local, que ele já conhecia. E assim ele fez.

Pegamos uma estrada vicinal e chegamos ao prédio. Surpresa! Não era o hotel e sim uma olaria...

Olhamos em volta, nada... Só árvores e montanhas. Nem prédio, nem casas, nem cabanas, nada! Continuamos andando pela estrada, no sol quente das duas horas da tarde. Finalmente, avistamos um prédio, no alto de uma colina. Puxa, tinha que ser o maldito hotel! Para encurtar a caminhada, pegamos um atalho. Eu fui atacado por um cachorro, a Inelza largou malas e sacolas e saiu correndo, de salto alto e tudo. O Luiz Antônio amaldiçoava o motorista e o Ayabe se engalfinhava com uma teia de aranha.

Cansados, suados, com fome e sujos, parecíamos quatro guerrilheiros quando chegamos ao hotel. Depois de oito quilômetros, erramos até a entrada e fomos pelos fundos, acabando por chegar na cozinha. Lá dentro, no salão, os participantes de outras empresas, felizes, saudáveis, bebericando seus drinks...

Ô raiva!

Carta ameaçadora

Recém-formado e com todo o gás, ingressei na Telepará. Um dia, fui procurado pelo chefe da Divisão de Contas a Receber com uma idéia genial. Ele tinha bolado uma carta para cobrar dos usuários contas telefônicas atrasadas.

Queria que eu assinasse a carta pois, afinal, carta assinada por advogado tem mais peso e toca medo na cambada de devedores. Além disso, argumentava o homem, o assinante passa a imaginar que a justiça já, já, vai atrás dele.

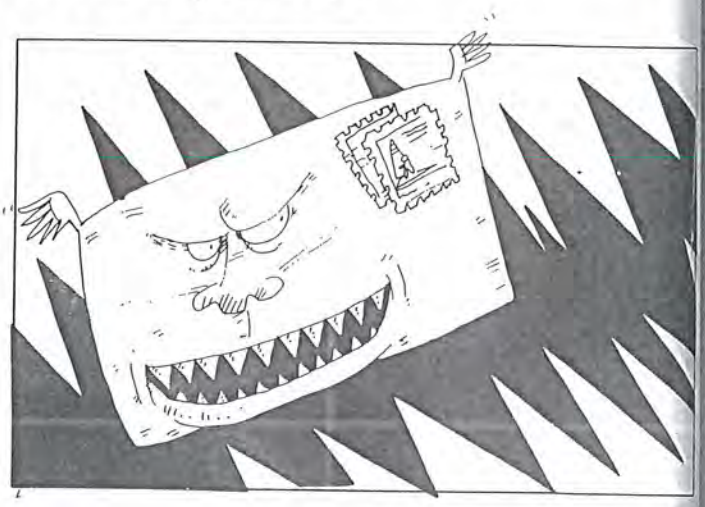
- Pois não - eu disse, e tasquei minha assinatura sem ler direito.

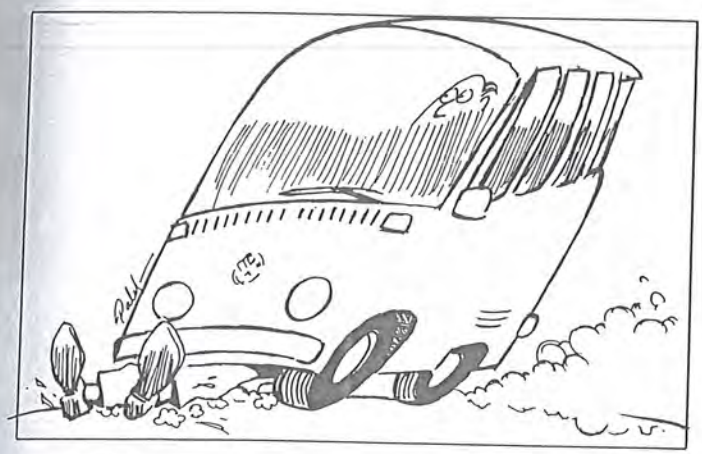
Uma semana e mil cartas depois, tínhamos recebido muitas contas e outras tantas reclamações, devido ao texto da carta, que não era nada gentil.

Nessa ocasião eu tinha alugado um imóvel meu, com um telefone meu, a um inquilino que também não pagava as contas.

O lado pitoresco da história: recebi uma carta de cobrança assinada por mim. E deu certo: de tão amedrontador que era o texto, corri e paguei a conta.

Paulo Roberto Pellegrino





Off road

Eu era gerente do clube de empregados do CPqD, a Telecamp. Fui buscar uma kombi novinha no revendedor.

Ao passar pelo túnel de acesso ao CPqD, dei de cara com um caminhão da floricultura na contramão. Não deu outra, foi uma batidinha leve, mas amassou o emblema da kombi. De fininho, dei meia volta e fui à revendedora trocar o embleminha.

Até hoje ninguém ficou sabendo...

Ih! Agora sabem!

Antônio Marcus de Freitas Ferraz

Empregado desempregado

Este caso aconteceu quando ainda estávamos trabalhando no prédio da Avenida Anchieta, antes de nos mudarmos para a sede do CPqD.

Pedi as contas na empresa onde eu trabalhava porque a Telebrás estava me chamando. Mas eu tinha um problema: faltava uma semana pro meu casório.

O Romeu Rechinati, sabendo da coisa, me disse:

- Te dou dez dias pra você casar e voltar.

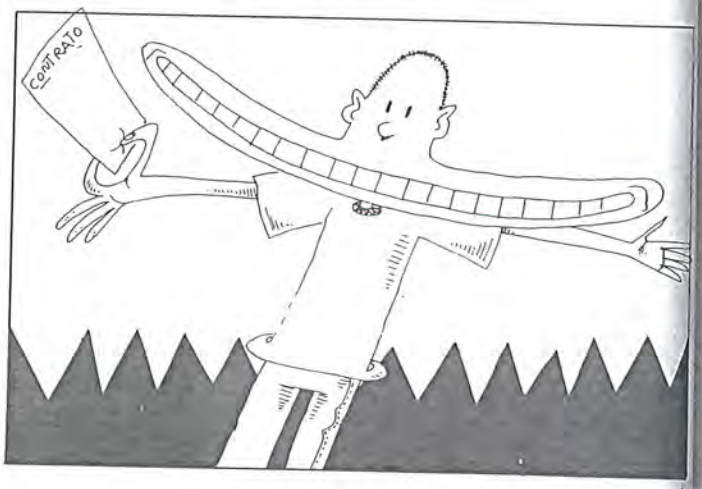
Bom, eu casei, viajei e voltei prontinho pra trabalhar.

Quando cheguei na Telebrás, senti alguma coisa estranha no ar. Pra começo de conversa, fiquei quatro ou cinco horas esperando pra ser atendido.

Via o pessoal, pra cima e pra baixo, tentando resolver o meu caso. Imaginem: o presidente da República tinha proibido novas admissões!

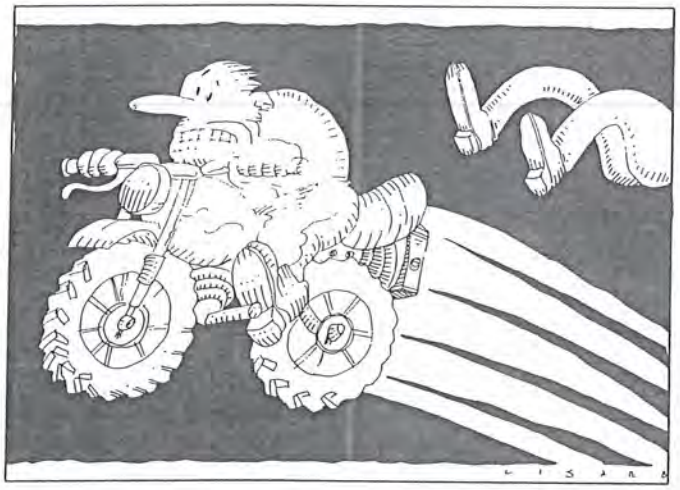
E eu ali, recém-casado, sem emprego, sentado, vendo aquele corre-corre e telefonemas pra Brasília.

De repente, o milagre. E uma frase: você vai ser admitido. Ufa!!!



Álvaro Eugênio Fabrini

Motoqueiro amigo da onça



Spengler e Machado eram companheiros inseparáveis. Os dois trabalhavam na equipe móvel do Distrito de Operações da Embratel de Campo Grande - MS.

Spengler, técnico de telecomunicações, extrovertido, tinha uma moto Honda CG-125 e era um aficcionado em veículos de duas rodas. Machado, mecânico de motores diesel, era um sujeito calado, tímido, que tudo resumia, no máximo, em duas palavras.

Certa noite, Spengler, no seu turno de plantão, detectou uma anormalidade de rádio na estação de Iamaio, a trinta quilômetros de Campo Grande. Incontinenti, como em todas as vezes que isto acontecia, partiu para a realização da manutenção. Pensando em atender com maior presteza à solicitação de manutenção, dispensou a Rural Willys que sempre ficava à disposição da equipe, pegou a sua motoca, passou na casa do Machado e lá foram os dois para Iamaio.

No meio do caminho, naquela noite escura, farol da moto falhando, de repente, no meio do asfalto, uma "panela" cheia d'água, daquelas que engolem uma jamanta inteira. Spengler pensou rápido e gritou para o companheiro: "Segura aí!"

Machado, na garupa, distraído, com o vento a bater na cara, entendeu: "Salta!"

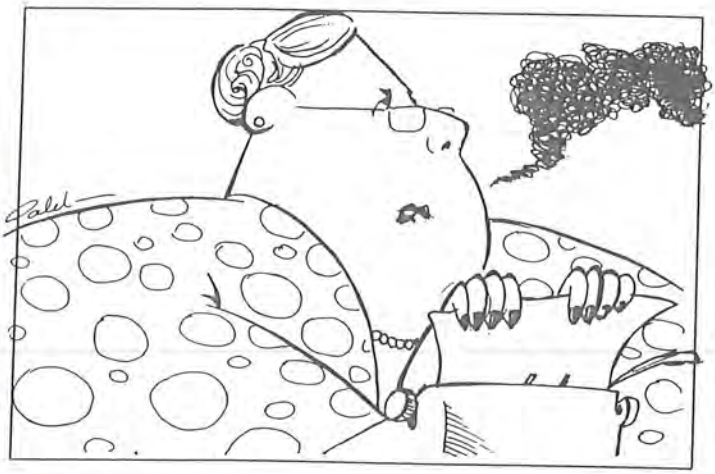
E a moto passou pela panela, vencendo a lama.

Lá em Iamaio, o Spengler, preocupado, nem notou a ausência do companheiro. Foi para a sala de rádio e tratou de reparar o defeito. Missão cumprida. Mas, ué, cadê o Machado?

Uma hora mais tarde um vulto surge lá na entrada da estação. Era o Machado, todo sujo de lama, alguns arranhões e com cara de brabo.

Mas tudo bem, afinal, o Machado era mesmo de falar pouco. E depois, não tinha outra alternativa. Montou na garupa da moto do colega e lá foram os dois, de volta pra casa.

Mauro Renato Pereira Lima



Quem é o senhor?

Recordo-me de D. Alda Guimarães de Athaíde, uma das primeiras secretárias do Departamento Jurídico. Quando eu digo secretária, logo vem à mente uma moça nova, bonita, dinâmica, competente. Mas ela, com vários predicados e grande experiência no cargo, não era tão nova assim, com seus aproximadamente 60 anos de idade. E, naturalmente, um tanto nervosa, talvez em razão de já ter secretariado muitos chefes neuróticos.

Quando, de repente, chegava alguém para falar com o então chefe do Departamento, nosso caro Dr. Hilton Santos, ela olhava por cima dos óculos, com fisionomia bem séria: "Pois não..."

Se a pessoa dizia "quero falar com o Dr. Hilton" ela atendia normalmente, as vezes até com um sorriso. Mas quando não falava "Dr.", várias vezes eu ouvi ela retrucar: "Dr. Hilton, né?"

Dona Alda era muito bondosa, apaixonada pelo filho Arthur e seus netos.

Mas às vezes estava bem-humorada e outras vezes séria demais. Quando estava muito séria eu con-

tava algumas anedotas, brincava com ela e conseguia descontraí-la. Quando eu conseguia, quase forçado, mudar o humor dela, ela me dizia: "Você é um peste... Um miserável."

Como recém-chegada à Telebrás, ela sabia que o presidente era o Comandante Quandt, mas nunca o tinha visto.

Um dia, talvez um dia que não estava muito bem-humorada, entrou porta adentro um senhor de média idade, cabelo liso e escorrido na testa, de camisa e gravata e perguntou:

- O Hilton tá aí?

Ela já não gostou porque não falou "Doutor". Fechou o semblante e perguntou:

- O Hilton?

Ficou em pé, encarou, séria, o cidadão e perguntou meio irritada:

- Quem é o senhor?

Ele, meio sorridente, respondeu:

- Sou o Quandt.

Ela tomou um susto e se dirigiu a ele e o abraçou e disse:

- Ah, meu filho, me perdoa. Eu não conhecia o senhor... Vamos entrar, me desculpa.

Ele, simpático como sempre, só disse:

- Isso acontece. Não se preocupe.

Logo quando ele saiu da sala, eu e a Nora (Honorina) tivemos uma crise de riso, inclusive D. Alda.

Para mexer com ela, de vez em quando a gente falava: "Eu quero falar com o Hilton". Ela começava a sorrir. Embora não saiba onde ela esteja, escrevi este caso para que sua passagem pela Telebrás fique gravada e que sempre lembremos dela como ótima colega de trabalho, mãe e avó.

Áureo Monteiro de Moraes

I mafiosi

Em 1980, fomos para Milão, na Itália, oito brasileiros do CPqD, da área de circuitos híbridos, para um treinamento na Italtel. Antes de chegarmos lá, os italianos opinavam sobre nossa aparência:

- Como serão os brasileiros?

- Bem, devem ser oito crioulos - opinavam alguns.

- Não! São oito de terno e gravata, com cabelos cortados no estilo militar - opinava a parte mais politizada da Italtel. Chegaram à Itália:

Um loiro de olhos azuis - o Battaglia.

Um grisalho de olhos azuis - o Iannotti.

Um barbudo com pinta de português - o Gildemar.

Um barbudo com cara de terrorista árabe - o Braga.

Um japonês - eu.

Um bigodudo com jeito de bandido mexicano - o Molina.

E mais dois que poderiam perfeitamente passar

Legalmente, não era possível trocar por dólares, a não ser por taxas absurdas.

O Iannoti e eu tivemos a idéia de ir à Suíça, cuja fronteira fica a 50 quilômetros de Milão. Nós sabíamos que era ilegal sair da Itália com mais de 100 mil liras, mas resolvemos correr o risco. Nas meias e nas cuecas colocamos mais de um milhão de liras.

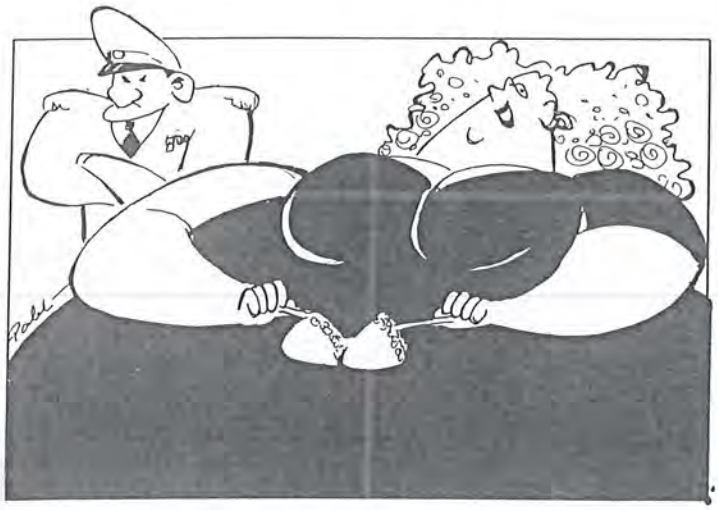
Quando chegamos à fronteira, um guarda da alfândega suíça, muito gentil, impecavelmente vestido, queria saber quanto portávamos em dinheiro. Mostramos as 100 mil liras legais, mas ele não se convenceu.

Paternalmente nos disse quantos "pepinos" teríamos se estivéssemos escondendo a verdade e passássemos por uma revista minuciosa.

Eu e o Marcão resolvemos abrir o jogo e mostrar o resto da grana. Com uma fineza fora do comum, quase como um pai que apanha os filhinhos fazendo alguma coisa errada, o guarda nos colocou de volta no primeiro trem para a Itália.

Literalmente, fomos extraditados!

Jorge Yamane



A *lingerie* do Bertolino

Eu era diretor do clube de empregados do CPqD, a Telecamp, substituindo o Elias, do Recursos Humanos. Uma das minhas atribuições era cuidar das vendas e promoções que algumas empresas realizavam dentro do CPqD.

Um belo dia, me aparece na sala uma mulher parecida com a Wilza Carla. Queria vender seus produtos: calcinhas e sutiãs.

Vocês, hoje, certamente não vêem nada de mal nisso. Mas, naquela época, a coisa era "braba".

Eu fui explicar à distinta senhora que havia um procedimento para vendas, que as promoções tinham que ser aprovadas pela Diretoria, que não era tudo que se vendia no CPqD, etc...etc...etc...

Mas a mulher não topava burocratas.

Seus produtos íntimos estavam aí mesmo, numa caixa, o Elias havia autorizado sua entrada, o Elias disse que podia, ela queria vender e pronto!

A coisa estava difícil.

Como eu era novo na diretoria do clube, resolvi esclarecer a coisa com aquele sem-vergonha do Elias.

- A senhora me aguarda aqui um instante - eu disse.

Esclarecido o assunto, debaixo do sorriso amarelo do Elias, diante do meu "aperto", voltei pra sala.

Surpresa: a mulher tinha sumido.

E o pior: ninguém tinha visto.

Enquanto procuro de porta em porta, eis que ela aparece de novo, branca e espavorida:

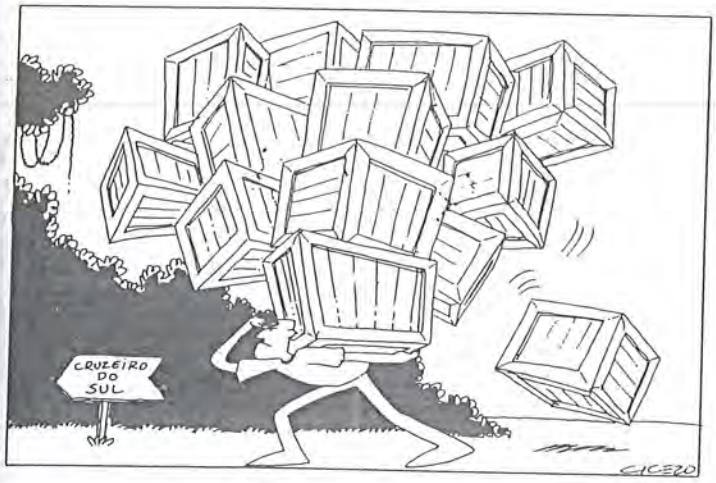
- Quero ir embora daqui, vão me matar! Me leva na portaria!

Entendi o caso mais tarde. Imaginem só a cena: a Wilza Carla foi vender calcinhas e sutiãs na sala do Frota que era mais bravo que general em início de guerra...

Jorge Bertolino

Cruzeiro do Sul

Telefone: uma parada difícil



Cruzeiro do Sul, no Acre, é a cidade que fica no ponto mais ocidental do Brasil. Mais próxima do Peru do que da capital Rio Branco, o acesso àquela localidade só se dá por via aérea ou fluvial (através de Manaus, já que o rio Juruá não se comunica com o rio Acre, ambos afluentes do rio Negro).

Esta avaliação geográfica justifica a história da chegada das comunicações a Cruzeiro do Sul.

Em meados de 1966, antes da criação da Teleacre, foi fundada a Comtelco - Companhia de Telefones de Cruzeiro do Sul, por comerciantes e autoridades da cidade. Importou-se de São Paulo uma central B-64 com 300 terminais, destinados ao atendimento dos sócios do negócio.

A central, juntamente com aparelhos telefônicos, material de rede e outros, foi despachada até Manaus e daí seguiu de avião (em um DC-3) para Cruzeiro do Sul. Ocorre que o referido avião, quando se encontrava a menos de 300 km do local de destino, sofreu uma pane e começou a perder altura. O comandante, também dono e único empregado da empresa aérea (o folclórico Capitão Muniz, homem que mais sobreviveu a acidentes aéreos na região), optou então por reduzir o lastro, a fim de aliviar a pressão e garantir a

continuidade do vôo e do único aparelho da companhia.

Para reduzir o lastro, jogou fora algumas caixas da Comtelco e conseguiu chegar a salvo com as restantes. Por causa disto, Cruzeiro do Sul, que esperava contar com 300 terminais, só recebeu 100, ou seja, 1/3 da compra.

Em 1978, a Teleacre resolveu dotar a cidade de Cruzeiro do Sul com um sistema maior e que propiciasse àquela comunidade uma comunicação mais eficiente. Estavam disponíveis em Rio Branco 500 terminais AGF que foram despachados de caminhão, Porto Velho para Manaus, e dali, através da via fluvial, a carga seguiu em uma balsa com destino a Cruzeiro do Sul. Ocorre que quando a balsa partiu de Manaus, em função do fim do inverno na região, os rios do vale do Juruá começaram a baixar de nível e a balsa bateu em um tronco de árvore, faltando três dias para chegar em Cruzeiro do Sul. Com a batida ela começou a afundar e a solução encontrada foi descarregar parte da carga destinada a Cruzeiro do Sul, na mata, às margens do rio Juruá, parte esta que incluía também os 500 terminais AGF, que ficaram enlameados e molhados na beira do rio e, portanto, inteiramente perdidos.

Em 1980 a Teleacre adquiriu da Telemat 1000 terminais AGF-Crossbar, elaborou novo projeto de rede para Cruzeiro do Sul e deu início ao plano de atendimento daquela localidade. A central foi despachada, desta vez via rodoviária de Rio Branco para Cruzeiro do Sul, junto com um comboio do exército (Batalhão de Engenharia de Construção) que ia tentar trafegar na BR-364 e restaurá-la nos seus pontos críticos, naquele trecho.

Quando o comboio chegou a Serra Madureira, era necessário atravessar o rio Acre em balsa. Quando o caminhão que levava a central e demais materiais de rede encontrava-se na balsa no meio da travessia, a mesma, por excesso de peso, começou a afundar. Como não era possível a sua locomoção para qualquer lado, optou-se por construir uma passarela de madeira, em cima de tambores vazios, para se tentar então resgatar a carga da balsa, o que foi feito com sucesso. Após isto ocorrer, toda a carga da Teleacre retornou a Rio Branco, de onde foi despachada para Cruzeiro do Sul novamente, só que desta vez por via aérea, utilizando um avião Hércules C-130 da FAB, para se ter a certeza de que a carga

chegaria incólume ao seu destino.

Hoje, Cruzeiro do Sul é atendida com uma central Trópico-R, pela Teleacre, escoa seu interurbano através de uma parabólica da Embratel e não fica a dever nada a regiões que dispõem de mais recursos, não fosse a insistência e obstinação de uma empresa do Sistema Telebrás em levar as telecomunicações onde elas se fizerem necessárias, não importando o risco e sim o benefício da comunidade.

De vez em quando algum seringueiro de Taranacá e Feijó, cidades vizinhas a Cruzeiro do Sul, entrega à Teleacre partes de aparelhos encontrados na mata, já tendo sido encontrados até aparelhos telefônicos em bom estado naquela região.

Sérgio Brunecci

O diploma

Antigamente algumas empresas do sistema Telebrás possuíam ações ao portador (quem estivesse com o título nas mãos seria o acionista) que pelas suas características, possuía cupons anexos que seriam destacados à medida que a empresa distribuía direitos (dividendos, bonificações e outros).

Certa vez, apareceu uma acionista na Telebrasília solicitando seus dividendos. Foi-lhe explicado que para receber o dinheiro ela teria que apresentar o título para que fosse destacado o cupom.

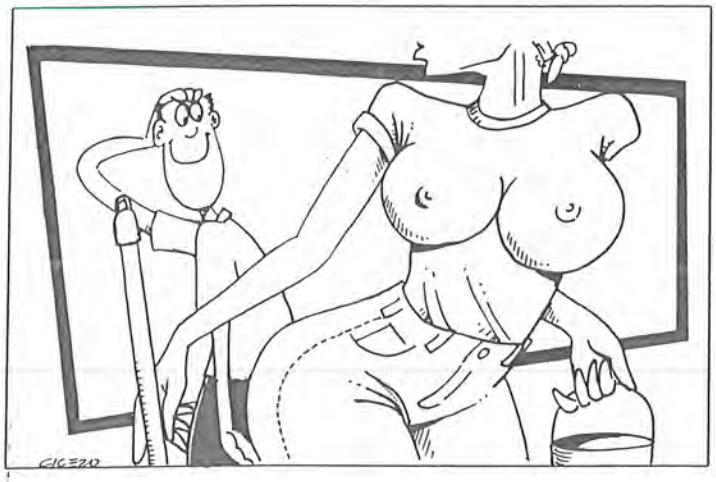
Qual não foi a surpresa do atendente quando ela voltou e apresentou o título atrás de um vidro emoldurado, justificando que ela o usava pendurado na parede pois parecia um diploma tão bonito e pomposo. Desta forma realizava o sonho de ter um diploma na parede, apesar de não ter escolaridade.

O quadro teve que ser quebrado para ela receber o dinheiro.

Moral da história:

Mais vale dinheiro no bolso do que diploma na parede.

Roberto Luiz Wright da Silveira



A generosa

Era uma corpulenta mulata que trabalhava na faxina da Rede Externa do Distrito de Jundiaí. Do almoxarifado eu a via, indo e vindo, roupa justa, entre cafés e faxinas, a insinuar-se para os cabistas e para outros colegas que ali trabalhavam. O boato corria solto sobre a sua *generosidade* e, volta e meia, lá estava um deles a gabar-se de seus favores.

Não me lembro de seu nome - lembro-me de suas faces redondas, brilhantes, dos seus dentes brancos e da malícia que galopava em seus olhares.

Certo dia, à hora do almoço quando quase todos já tinham ido para suas casas e eu continuava trabalhando, fui até a cozinha tomar uma água ou café, não sei.

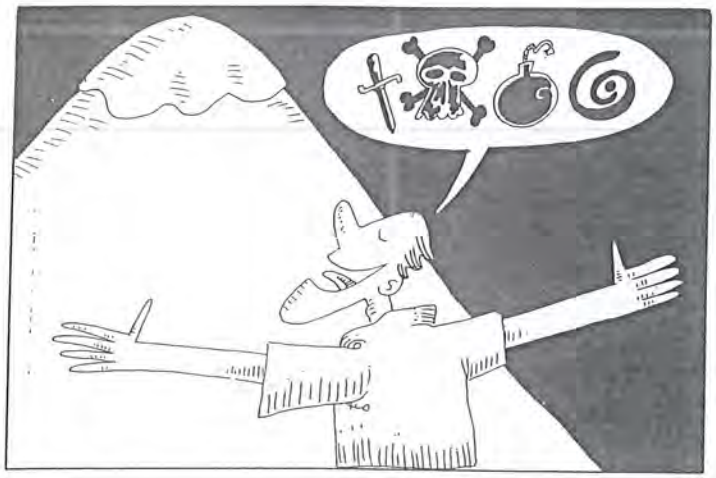
Lá estava ela, desembrulhando sua marmita - arroz, feijão e ovo frito - quando, da porta que dava acesso à rua, ouvimos alguém chamar. Arrastando os pés, ela foi atender o pedinte que queria um pouco de comida. Sempre com seu sorriso, retornou à sua mesa, tomou sua marmita, intacta, e a entregou ao pedinte esfomeado - e ficou sem o seu almoço.

Não me lembro seu nome, mas sei que essa mulher me ensinou muito.

Aprendi que as pessoas não são isto ou aquilo; são apenas pessoas capazes de fraquezas, que nos são inerentes, e de gestos profundos e transformadores, que dependem do nosso livre arbítrio.

Lázaro Tadeu Costa Gomes

Monte Carvalho



Este fato aconteceu no Paraná, no princípio da década de 70, quando a Telepar estava em plena fase de projeto e já iniciando a implantação da sua rede de microondas abrangendo todo o Estado.

Os engenheiros da área de projetos trabalhavam exaustivamente com cartas geográficas altimétricas de todo o Estado, procurando os pontos culminantes (dominantes) do terreno para instalação das repetidoras de microondas.

Para facilidade de identificação, normalmente as repetidoras eram batizadas com o nome da cidade onde estavam. Em alguns casos recebiam o nome da fazenda quando localizadas na área rural.

Diversas vezes era encontrado o local para instalação das repetidoras em montes longe das cidades e em regiões totalmente desabitadas. Essas repetidoras eram batizadas com o nome de algum acidente geográfico mais próximo, como o nome de um rio ou o do próprio monte quando constava na carta do IBGE.

Certa vez, ocorreu que o melhor ponto para a localização da repetidora foi escolhido em um monte para o qual não constava nome na carta do IBGE. A equipe do projeto deixou para batizá-lo depois.

Concluída a fase de cálculo de propagação para todos os enlaces, voltaram ao mapa para marcação definitiva daquela rota.

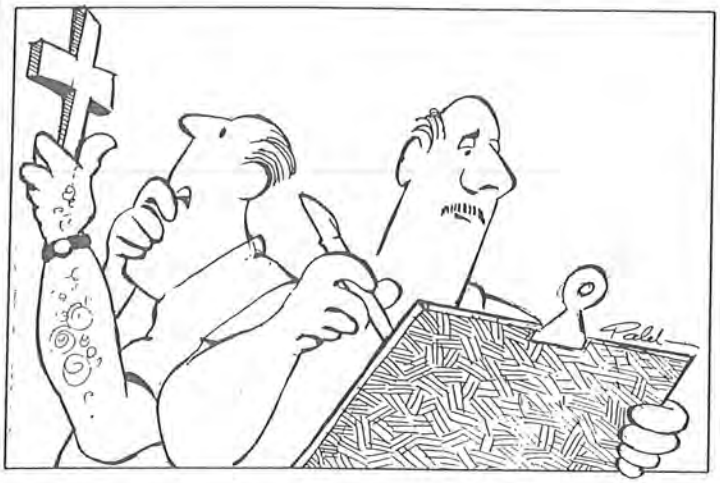
Aí surgiu o problema, pois não tinham marcado o local da repetidora no mapa, nem suas coordenadas geográficas e nenhum dos engenheiros conseguia identificar o local da repetidora na carta.

Depois de procurarem durante uns 10 a 15 minutos, já aborrecidos com o problema, um dos engenheiros, num grito, desabafa: "Achei esse monte do c..."

Daí em diante aquela repetidora foi batizada e ficou conhecida como *a repetidora do monte do carvalho,* mesmo que naquele monte só houvesse as tão famosas araucárias do Paraná.

Paulo Monte Serrat Neto

Quem sabe, sabe



Um certo funcionário da Telebrás, atuando na área financeira da empresa, era responsável pela área de pagamentos. Ainda sem muita experiência, viu no relatório gerencial o título de *Despesas com depreciação*. Não teve dúvidas: mandou fazer um cheque para pagar tal despesa. Como se sabe, a depreciação é um custo econômico, que não gera obrigações para a empresa. Quem sabe, sabe.

Anualmente, se fazia levantamentos patrimoniais para checar os bens da empresa (uma empresa do SBT). Para tal, contratou-se alguns estagiários para fazer o levantamento. Enquanto um funcionário fazia a identificação outro anotava as características do bem. E assim aconteceu. Falava o funcionário que identificava o bem: uma máquina ***marca IBM elétrica***; uma mesa de datilografia ***marca Fiel***; uma máquina de escrever ***marca Olivetti***; uma máquina de somar ***marca Sharp***; e um crucifixo... ***marca INRI***.

Autor anônimo

A garota e o general

Lá pelos idos de 78 ou 79, meu chefe, que era o superintendente, pediu-me que o acompanhasse para receber o general Alencastro e diversos diretores da Telebrás que chegavam a Campinas.

Visitaram a cidade, conheceram as obras do CPqD e depois fomos almoçar no restaurante Rosário, famoso por servir um camarão irresistível, de tudo quanto é jeito e de tudo quanto é tamanho.

Sendo a mais humilde da comitiva, sentei-me noúltimo lugar. O garçom começou a anotar os pedidos.

Tinham-me dito que o general era uma pessoa de hábitos simples. Portanto, não seria eu a louca de pedir camarão. Disse ao garçom:

- Me traz um pintado com arroz à grega.

Quando a mesa começou a ser servida fiquei estupefada - todos tinham pedido camarão, menos eu! Lá estava aquele maldito pintado, esparramado no meu prato. Minha cara deve ter sido de uma tristeza inconsolável, porque o garçom me disse:

- Moça, quer um pouco do camarão dos hôme?

Arrastei o pintado prum canto e mandei bala no "camarão dos hôme".

Valdelis Machado de Oliveira